

## A IMAGEM DO OUVINTE SOBRE A CULTURA E IDENTIDADE SURDA

Dilcinéa dos Santos Reis<sup>1</sup>

Orientadora: Dra. Maria Nazaré Mota de Lima<sup>2</sup>

*Resumo:* O presente trabalho tece considerações acerca da cultura surda sob a visão do ouvinte e do sujeito surdo. O não ser surdo implica ver a cultura e a identidade surda com um olhar discriminatório, que não permite ver esse indivíduo como sujeito de direitos, mas sim como um deficiente. Esse trabalho se fundamentará em estudos voltados à cultura, comunidade e identidade surda, percorrendo teóricos voltados aos estudos culturais, bem como as ciências sociais. Metodologicamente, ele caminhará pela linha da observação e entrevistas, a fim de captar um olhar mais crítico da questão, no intuito de contribuir para a construção de percepções outras sobre o surdo, a ponto de vê-lo como um ser diferente e não deficiente.

*Palavras-Chave:* ouvinte; identidade surda; cultura surda

### INTRODUÇÃO

Falar em cultura e identidade surda em uma posição de ouvinte é extremamente delicado, pois, nos remete a ser avaliada pela comunidade surda politizada nas quais tiverem posse desse trabalho. Tentarei aqui colocar a minha visão enquanto professora ouvinte e pesquisadora da área da surdez mediante o que já venho observando há mais de dezesseis anos em contato com esses grupos.

Falar desses dois temas nos permite, em um primeiro momento, trazer alguns conceitos acerca dessas palavras, para que possamos a partir daí fazermos uma discussão acerca delas. Assim, esse trabalho tecerá algumas considerações acerca da cultura e identidade surda sob a visão do ouvinte e do sujeito surdo.

Para a realização desse trabalho utilizarei alguns autores da crítica cultural, bem como teóricos surdos que estudam e analisam as questões voltadas para a identidade e cultura surda e ainda a visão das ciências sociais sobre o referido tema.

### AFINAL, O QUE PODEMOS CHAMAR DE IDENTIDADE?

Na elaboração desse trabalho encontrei diversos conceitos sobre identidade, mas alguns me chamaram mais atenção, porém, antes de termos esses conceitos na ponta da língua, faz-se necessário refletirmos acerca do que Lima nos traz quando ela nos leva a refleti que:

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós Graduação em Crítica Cultural, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II.

<sup>2</sup> Docente no Programa de Pós Graduação em Crítica Cultural, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II.

Identidade, uma palavra mágica que serve para tudo? Quem sou de onde venho, o que faço com quem estou, quem são os meus... Estas são indagações que persistem na história da humanidade de modos diversos, onde a cultura tece e atravessa nossos pensamentos, modos de vida, ideias, relações, tendo a linguagem como fio condutor de nossas reflexões e ações (LIMA, 2015, p. 37).

A autora nos leva a perceber que para compreendermos a identidade, faz-se necessário entender primeiro o conceito de cultura, para posterior a isso, compreender a vida do povo surdo. A autora ainda nos chama a atenção quando nos diz que

debater sobre identidade, sobressai o fato de que uma pessoa não possui uma única identidade, fixa, imutável. A identidade a rigor, são identidades múltiplas, complexas, convivendo em um contexto de diversidade étnica racial, de gênero, sexualidade e regionalidade (LIMA, 2015, p. 40).

Dessa forma, a autora nos aponta que estamos vivendo num mundo pós-moderno, onde através da globalização, os conceitos, a forma de ver esse mundo, foi se modificando, ou melhor, se resignificando, onde podemos tomar como base, o iluminismo (mercantilismo, absolutismos, democracia) até os tempos atuais. Assim, Hall vem corroborar com Lima quando ele diz que:

As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado (HALL, 2003, p. 7).

No tocante dessa discussão, percebo a necessidade de historicizar as mudanças recorrentes a identidade por conta do tempo, pessoas e modelos, fundamentada em Hall e Lima. Dessa forma, Lima apud Hall, nos diz que o sujeito do Iluminismo era concebido como um “[...] indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades da razão, de consciência e ação” (HALL, 2003, p. 11). Enquanto que no interacionismo simbólico, emerge-se uma noção de sujeito sociológico, uma concepção interativa da identidade do eu. Porém, na era pós-moderna, muda-se radicalmente as concepções de sujeito e, por isso, as identidades. Daí, não se falar em identidade, mas identidades (LIMA, 2015, p.45). Já no âmbito da Psicologia Clássica, identidade é um tema bastante explorado enquanto algo inerente à personalidade do indivíduo (LIMA, 2015, p. 43).

Nesse sentido, trazer uma única concepção de identidade nesse trabalho, não tornaria uma leitura interessante, pois, Hall colabora e conclui com o meu pensamento quando ele afirma que o sujeito está se tornando fragmentado: composto não de uma única, mas de várias identidades (HALL, 2001, p. 14). Dessa forma, não podemos ver o sujeito surdo com um único tipo de identidade, mas sim de várias, pois, ele só se torna diferente do ouvinte, no que diz respeito a comunicação, onde ele se utiliza da Língua Brasileira de Sinais — Libras, nos demais aspectos, eles são iguais.

## **QUAL O CONCEITO DE CULTURA?**

Falar de cultura nesse trabalho é de suma importância, pois é ela que irá colaborar nesse trabalho ao conceito de identidade. Dessa forma, conceituar cultura é algo que se torna complexo quando levamos em consideração os tempos e espaços, pois eles nos fazem ter a concepção de cultura em diversos olhares, além disso, trazer a teorização sobre ela é resultar uma história particular que inclui os escritos de vários pesquisadores que tenham suas próprias ideias em relação a essa temática (STROBEL, 2015, p. 15).

Levando em consideração ao conceito de cultura de forma unitária, Frederick Schiller (apud EAGLETON, 2005), assinala que:

A cultura é a estrutura daquilo que é chamado de hegemonia, que molda os sujeitos humanos às necessidades de um tipo de sociedade politicamente organizada, remodelando — os com base nos atuantes dóceis, moderados, de elevados princípios, pacíficos, conciliadores.

Ou seja, nessa teoria, a cultura se torna sabedoria grandiosa ou uma arma ideológica, uma forma isolada de crítica social (STROBEL, 2015, p. 21), onde identidade e cultura são vistas como essencialistas, substancialistas, prontas e puras para esse grupo hegemônico (SOUZA, 2006, p. 2).

Entretanto, na teoria pós-moderna, alguns teóricos como Joannann Herder (apud EAGLETON, 2005) pensou-se em pluralizar o conceito de cultura, ou seja, vendo-a através de diversas nações e períodos, bem como de diferentes culturas sociais e econômicas dentro da sua própria nação. Contudo, outros teóricos pós-modernos como Stuart Hall se dedicam a interagir de forma profunda no interior delas. Assim, considerar a questão cultural no plural admite multiplicidade de manifestações de grupos culturais mais amplos (STROBEL, 2015, p. 22.). Dessa forma, Hall (1997) corrobora com Strobel quando ele nos afirma que na teoria do campo dos Estudos Culturais, a cultura que temos determina uma forma de ver, de interpelar, de ser, de explicar e de compreender o mundo.

## **O QUE ENTÃO SERIA CULTURA E IDENTIDADE SURDA?**

Com tudo o que foi apresentado acima, podemos dizer que, segundo Strobel, cultura surda é:

o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modifica-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando com suas percepções visuais, que contribuem para as definições das identidades surdas e das almas das comunidades surdas. Isso significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo (STROBEL, 2015, p. 29.).

Com tudo isso que foi historicizado acerca da cultura, nos permite perceber que a cultura surda nada mais é do que a forma como surdo busca viver no mundo do ouvinte, buscando adequar à vida de modo que ele se sinta incluído.

Já em relação à identidade surda, Gladis Perlin no chama atenção quando nos diz que, as identidades surdas são construídas dentro das representações possíveis da cultura surda, elas moldam-se de acordo com maior ou menos receptividade cultural assumida pelo sujeito (PERLIN, 2004, p. 77-78). Dessa forma, as identidades surdas vão ganhando formas, de acordo com a inserção do surdo no meio no qual ele está, ou seja, inserido, por exemplo, se ele for inserido em grupos de ouvintes terá uma identidade construída, se estiver inserido em um grupo de surdos terá outro tipo de identidade e assim por diante.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Apresentar os conceitos de cultura e identidade surda nos faz perceber quão importante são essas definições para os estudos culturais surdos, pois, ela nos faz perceber que se tentássemos ir em busca de mostrar a cultura e identidade surda na era moderna, não obteríamos êxito, pois, a grande massa ouvintista não permitiria, como aconteceu em 1800 em Milão, ano em que a Língua de Sinais deixou de ser permitida na União Europeia.

Dessa forma, como ouvinte, professora e pesquisadora da área da surdez, compreendo que no tempo pós-moderno os ouvintes estão mais abertos a entender que o sujeito surdo tem uma cultura, tem suas identidades próprias, essas que deverão ser respeitadas e entendidas. Buscar cada vez mais enquanto ouvinte, se aprofundar nos estudos da área da surdez, o tornará um sujeito mais humano, mais crítico cultural, capaz de discutir assuntos voltados à surdez e a outras áreas, pois estudar a área da deficiência torna o indivíduo um ser plural.

E para finalizar algo que se encontra inconcluso, trago uma fala da surda Karin Strobel que define tudo que nós discutimos até aqui nesse trabalho: “A formação da identidade surda é construída a partir de comportamentos transmitidos coletivamente pelo povo surdo, que ocorre espontaneamente quando os sujeitos surdos se encontram com outros membros surdos em comunidades surdas” (STROBEL, 2015, p. 29).

## **REFERÊNCIAS**

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. Trad. Sandra Castelo Branco. Editora UNESP, 2005.

HALL, Stuart. *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais de nosso tempo*. Educação e realidade: cultura, mídia e educação, v. 22, n. 3, jul/dez, 1997.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

LIMA, Maria Nazaré Mota de Lima. *Relações Étnicos Raciais na Escola: o papel das linguagens*. Salvador: EDUNEB, 2015.

PERLIN, Gladis. O lugar da cultura surda. In: LOPES, Maura Corcini; THOMA, Adriana da Silva (Org.). *A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

STROBEL, Karin. *A imagem do outro sobre a cultura surda*. 3 ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 2015.

